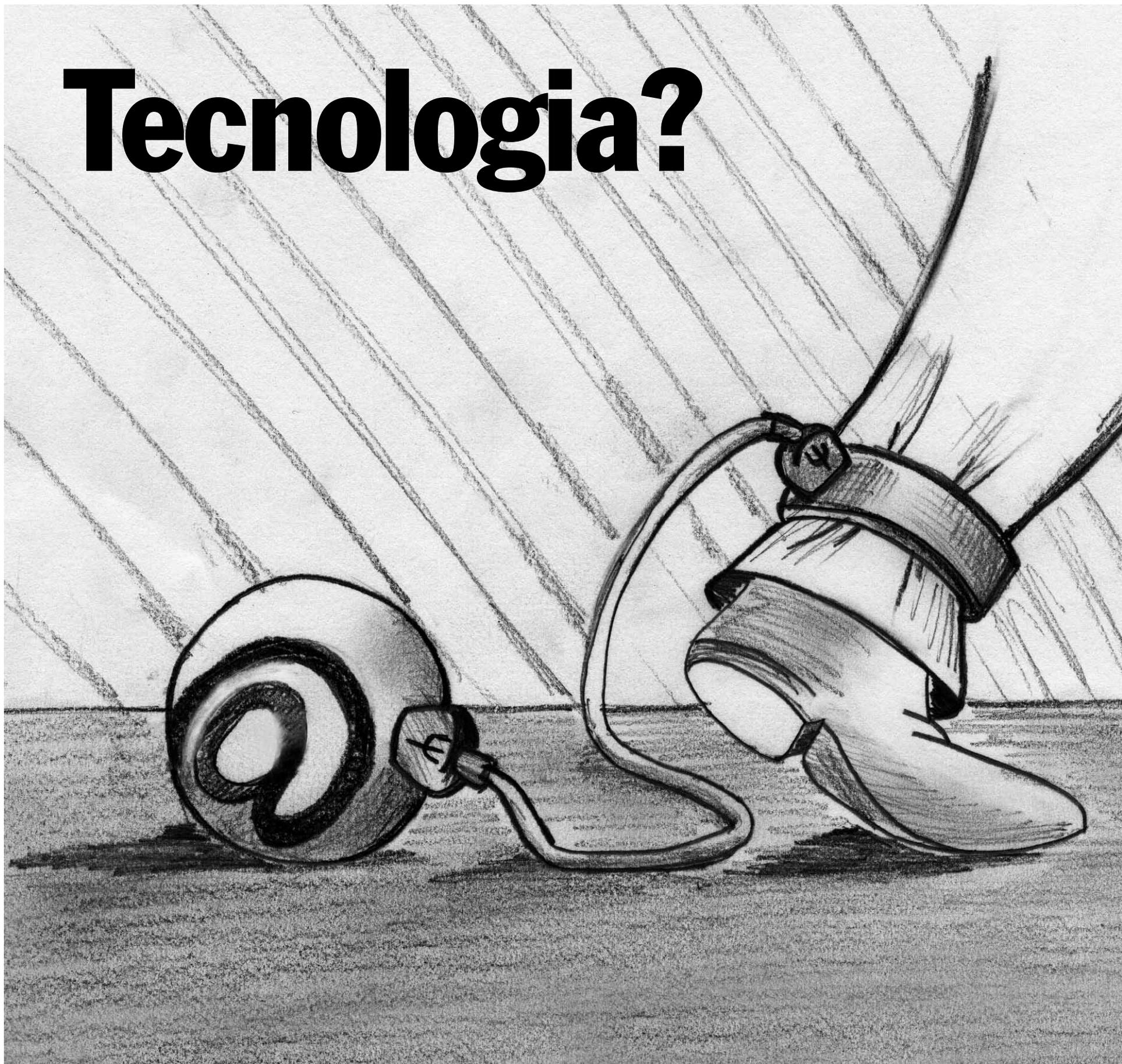


LETRAS

PERIÓDICO CULTURAL • Nº 19 • ANO III
BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2008
TIRAGEM: 1500 EXEMPLARES • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Tecnologia?



E DE EDITORIAL

Vai chegar o dia em que além do café e do pão-manteiga matinais não vamos mais conseguir entender um início de manhã produtiva sem a abertura de uma caixa postal eletrônica.

Vai chegar o dia em que, talvez por medo da violência urbana, por economia ou, mais provavelmente, por pura preguiça, não mais sairemos às compras, muito menos às lojas do centro, muito menos com uma prosaica sacola. Iremos sim, aguardar nossos pacotes que vêm pelo correio, qual crianças crédulas no Papai Noel.

Vai chegar o dia em que desaperceberemos a andar, esqueceremos do transporte público e nos tornaremos escravos de nossos carros.

Vai chegar o dia em que nos sentiremos perdidos, isolados, distantes do mundo caso a bateria do telefone celular dure

menos que o tempo necessário para chegar à próxima tomada disponível.

Vai chegar o dia em que esqueceremos como se escreve, adotando um dialeto bizarro em nome da rapidez, da praticidade, da modernidade.

Vai chegar o dia em nossas fotos não mais ficarão amarelas, denunciando sua própria idade. Não mais serão papel, e sim apenas luz.

Vai chegar o dia em que as pessoas não vão mais piscar umas para as outras. Vão sim piscar seus ícones em seus programas de mensagens instantâneas.

O dia vai chegar daqui ao exato tempo que marca meu relógio digital. E falando em piscar, ele pisca para mim: 00:00.

Até lá, e boa leitura!

Carla Marin

E DE EXPEDIENTE

Editoria e Direção Geral

Carla Marin

Editor Honorário

Bruno Golgher

Editorias

Arquitetura: Carlos Alberto Maciel

Cinema: Rafael Ciccarini

Design: Eduardo Braga

Gestão Cultural: Maria Helena Cunha e Marcela Bertelli

Literatura: Ana Elisa Ribeiro

Música: Rodrigo James

Redação (esta edição):

Adriano Macedo

Ana Paula Sena

Denise Dahdah

Diego Ribeiro

Fred Guimarães

Ivan Monteiro

João Veloso Jr.

Nísio Teixeira

Vinícius Lacerda

Capa:

Carol Andrade
krol0602@hotmail.com

Jornalista Responsável:

Vinícius Lacerda

Tiragem: 1500 exemplares

Impressão: Gráfica Fumarc

Anúncios: para anunciar no Letras, fale com Bruno:
bruno@cafecomletras.com.br

Letras é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte / MG - CEP 30112-010

Realização:



MANDE UM E-MAIL PARA O LETRAS:
LETRAS@CAFECOMLETRAS.COM.BR

F DE FRED

Fred Guimarães

Minha tese

Cruz-credo! Achei o tema desta edição, como direi, assim, meio "careta": O IMPACTO DA TECNOLOGIA NA VIDA COTIDIANA. Ou mesmo lugar comum... mas já que é isso, vamos lá. Acho que falar o óbvio. Assim, se quiser desistir de ler, faça-o agora, já!

Este assunto é de uma extensão tal que já deve ter sido discutido em várias dissertações e teses, com aqueles vários subtítulos que todos esses trabalhos têm. Acho que há algumas que só com o nome da obra já explicam tudo, não precisando gastar laudas e laudas. Daí, ser difícil inovar algo...

Ora, impactos são muitos, em várias esferas. Compara-se à descoberta do fogo, da escrita, de um outro continente, da bomba atômica e por aí vai. Assim, a absorção da tecnologia por nós, cotidianamente, é o grande barato, como aquelas descobertas foram nos seus respectivos tempos. Só com uma diferença: o fogo era fogo e, pronto. Já hoje, a cada dia, um novo elemento tecnológico nos é incorporado, querendo ou não querendo. Ai dá raiva!

Quando você pensa que o computador que você comprou é o que há de mais tecnológico, pimba, na próxima semana lançam um novo. Isso aconteceu comigo e aposto que com você também. Sem contar o que esta máquina pode ainda nos proporcionar intrinsecamente: a compra do dito computador, mesmo já superado na semana seguinte, não deixa de lhe dar o acesso a determinado "novo programa" ou "novo site", com os quais sua vida fica mais fácil. Aí vem o outro lado da coisa: Será que fica mais fácil mesmo?

Não sei... checar seus e-mails todos os dias cansa muito, sem contar que a maioria é de uma chatice enorme e lhe dei-

xa "acorrentado". E a quantidade de informações que são bombardeadas? Caramba, isso seria facilitar a vida? Não sei, mesmo!

(Falo de computadores e da rede mundial, mas há tantas outras obras tecnológicas que nos cercam... no entanto certamente são estes dois que mais representam o tal do impacto, profundo...)

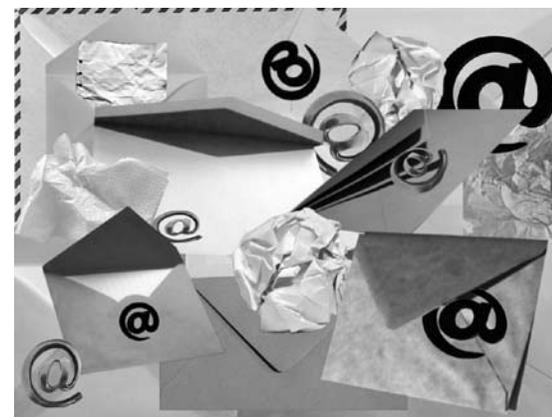
Eu, apesar da minha dúvida existencial se a tal tecnologia seria boa ou não, se facilita ou não, no final, sou plenamente adepto, me converto ao "sistema". Claro, com exceções, como por exemplo, alguns sites, e-mails e chats insupportáveis. Não deixo a minha máquina de lado, pois é a minha maior ferramenta laboral, como do resto do mundo civilizado (civilizado e que tem condições para tanto, sem querer tampar os olhos para as mazelas da humanidade).

Não posso deixar de lembrar de outro objeto tecnológico que

eu adoro: meu iPod! Poxa vida, inventaram uma máquina com que sempre sonhei. Posso acionar a minha música predileta, no momento em que eu quiser: criaram um mecanismo para eu exercer a trilha sonora da minha vida, no momento em que eu preciso dela!

Concluindo, como bom trabalho científico e dentro de algumas obviedades, acredito que o impacto tecnológico no cotidiano é a grande busca do homem de se auto-conhecer através dos seus meios maquinários por ele mesmo criados. É o reflexo do homem através do outro meio, é o exercício da criação humana, é busca do aperfeiçoamento interno... e coisas do tipo! (Valeu ler?)

Fred Guimarães é um dos imortais do Café com Letras!



Clube de Jazz

O MELHOR DA MÚSICA BRASILEIRA NA INTERNET

www.clubedejazz.com.br

**SAVASSI
FESTIVAL**
Jazz & Lounge
2008

CATÁLOGO DO JAZZ

o jazz e a música instrumental de Minas Gerais



O CATÁLOGO DO JAZZ SERÁ UM LIVRO COM ENSAIOS SOBRE O JAZZ E A MÚSICA INSTRUMENTAL MINEIRA E UMA FONTE DE REFERÊNCIA COM INFORMAÇÕES DE BANDAS DE MÚSICA INSTRUMENTAL E JAZZ EM ATIVIDADE EM MINAS GERAIS.

SE VOCÊ TEM UMA BANDA DE MÚSICA INSTRUMENTAL OU JAZZ, INFORME-SE SOBRE COMO PARTICIPAR DESTA LIVRO.

ENVIE UM E-MAIL PARA CATALOGO@SAVASSIFESTIVAL.COM.BR

REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO



APOIO



In memoriam: Heath Ledger e Nick Drake

Alguém espera que não, mas foi agradável, e é extremamente prazeroso sentar aqui, agora. Porque eu acho que há algo extraordinariamente bonito em se ver o amanhecer. Porque alguém conecta a escuridão com ir pra cama, claro... E quando alguém ainda está acordado quando amanhece, e é um novo dia e você ainda não foi pra cama, dormir, porque a noite equivale a dormir, assim fácil, e quando alguém ainda está acordado quando um novo dia começa, é algo de uma experiência engrandecedora, eu sempre achei. Eu posso olhar pra fora da janela agora e aquela árvore lá fora é verde, enquanto que quando alguém vai pra cama, aquela árvore deve estar negra, claro. Tudo deve estar negro antes de alguém ir pra cama. Mas essa é, claro, a essência do romântico. Bom, eu acho que estou saindo do ponto. Eu devo provavelmente parar agora porque, se não, eu devo começar meio que a surrealizar as coisas e histórias da vida, o que será terrivelmente tedioso. Então é aqui que eu devo meio que dizer boa noite, você sabe... Boa noite.

(Trecho da faixa Nick's monologue. Tradução de Christiane, do site Nick Drake Brasil)

Nísio Teixeira

Durante a Mostra de Tiradentes de 2008, uma fatalidade ocupou as conversas: a morte do ator Heath Ledger, no dia 22 de janeiro, por – causa oficial – overdose accidental de medicamentos ligados à depressão. Poucos dias depois, a morte de Ledger ocupava as conversas em alguns sites ao lembrar a de outro artista: o músico Nick Drake (19/06/1948-25/11/1974), que também morreu por – causa oficial – overdose accidental de medicamentos ligados à depressão.

O detalhe intrigante e que aproxima mais os dois artistas vai além da causa mortis: é a idéia, manifestada publicamente por Ledger – especialmente durante a promoção do filme *I'm not there*, sobre Bob Dylan (aliás um dos ídolos de Drake) – de querer atuar em um biopic sobre a vida de Nick Drake. Nesse filme de biografia, Ledger faria o papel do músico (e, de fato, eles se parecem muito).

Enquanto a idéia do filme era, possivelmente, gestada, Ledger interpretou o Coringa no próximo *Batman, Dark Knight*. Mas Ledger também participou, em outubro do ano passado, de um encontro no *Egyptian Theatre* em Los Angeles: *A Place to be: a Ce-*

lebration of Nick Drake. No subtítulo, a explicação: “uma coleção, celebração, em filme, fotografia, pintura, desenhos e prosa do impacto que teve a música de Nick Drake sobre outros artistas”.

O evento teve um debate com Gabrielle Drake (irmã do cantor) e Joe Boyd (produtor dos discos de Drake), trouxe fotos e filmes, incluindo algumas produções, como versões de músicas do cantor (Norah Jones fez uma para “Day is Done”) e curtas a serem reunidos em *Their Place: Reflections On Nick Drake*. São pequenos filmes criados a partir das músicas de Drake. Assim, “River Man” ganhou versão cinema de Tim Pope (que dirigiu o *Corvo II*, além de registros de shows e clipes de The Cure, David Bowie e Queen), “Horn” foi a música escolhida por Jonas Mekas (que gravou o making of de *Imagine*, John Lennon) e “Black Eyed Dog”, foi a canção escolhida por Ledger para ser dirigida e estrelada por ele mesmo – e o título e a música traduzem um tom melancólico e macabúzio. Outra frase, que dizem ter inspirado Robert Smith a batizar o seu grupo (*The Cure*) – “a troubled cure for a troubled mind”, (“uma cura aflita para uma mente aflita”, da canção “Time Has Told Me”) talvez tangencie um possível entendimento do estado de espírito

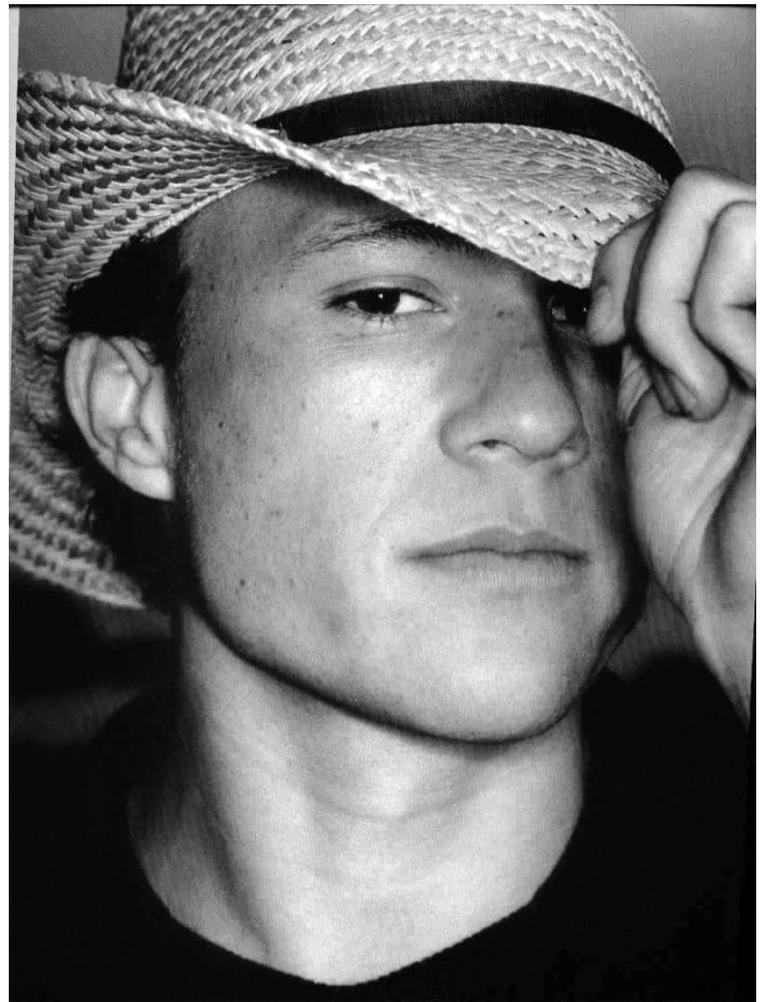
de Ledger e Drake nos momentos finais.

Assim, Drake e Ledger não mais, mas será um privilégio eventualmente tê-los conosco até o amanhecer.

Parêntesis: obra de Nick Drake ainda é pouco conhecida no Brasil (*)

Se estivesse vivo, o cantor e compositor Nick Drake completaria 60 anos no dia 19 de junho. Pouco conhecido no Brasil – nenhum de seus discos foi lançado oficialmente por aqui – sua legião de admiradores é notória: vai do punk Tom Verlaine, do *Television*, até Renato Russo, o único a gravar a música de Drake no Brasil através do álbum “*Stonewall Celebration Concert*” com a canção “*Clothes of Sand*”.

Figuram ainda dentre seus fãs mais ilustres o R.E.M., *Radiohead*, John Cale (*Velvet Underground*, que chegou a participar de alguns discos de Drake), *Blur*, *Everything But the Girl*, *Style Council*. Dentre as celebridades de Hollywood, o citado Ledger, Brad Pitt e Bill Paxton. Mesmo a capa do álbum “*Lírica*”, de Zeca Baleiro, guarda semelhanças com o *bottleleg* “*Tanworth-in-Arden*”: os tons rosa e branco, o cachorrinho na capa, a estrada em perspectiva e, principalmente, letras nostálgicas em



Heath Ledger

música elaborada. Chega a ser bizarro o tamanho reconhecimento que o artista possui hoje em contraponto a uma existência tão conturbada e solitária.

Nascido no dia 19 de junho de 1948 em Burma (Myanmar, antiga Birmânia), em função de uma das viagens do pai, Rodney, que atuava no serviço militar, Nick Drake retorna à Inglaterra por volta de dois anos. Em seguida, inicia seus estudos em Cambridge. Ao contrário do que desejava a mãe, Molly, que queria ver o filho tocando piano, Drake gasta 13 libras na compra de um violão. Em meio aos estudos literários em Cambridge, descobre a música de Randy Newman, Van Morrison e Tim Buckley, além da poesia, especialmente dos simbolistas franceses. Mas foi durante um concerto de paz em 1968 que

o baixista do grupo *Fairport Convention*, Ashley Hutchings, descobriu o músico e o apresentou a Joe Boyd, proprietário da *Witchseason Productions*. Boyd produziu os dois primeiros álbuns de Nick Drake, com arranjos de Robert Kirby, um colega de Cambridge.

O primeiro foi “*Five Leaves Left*” (1969) e o segundo, “*Bryter Layter*” (1970), este com contribuições de Cale, Richard Thompson e Chris McGregor. Como os outros álbuns de Drake, os discos conseguiram algumas boas críticas, mas não obtiveram êxito comercial. O espírito arredo e a introspecção do artista, que beiravam o mutismo, também não colaboraram muito.

De sonoridade refinada, os discos reúnem canções com

arranjos sofisticados, sobreposições de cordas, cellos, flautas, pianos e saxofone, que funcionam como fundo para letras singelas e melancólicas. Em "River Man", de "Five Leaves Left", por exemplo, trechos de Ravel pontuam a música. Em "Poor Boy", de "Bryter Layter", Drake chega a flertar com a Bossa Nova no momento em que o ritmo capitaneado por Tom Jobim e João Gilberto consolidava seu alcance mundial.

Mas, desacreditado pela ausência de reconhecimento – ele deixaria bem explícito seu desabafo em relação à fama na letra de "Fruit Tree", de "Five Leaves Left" – Drake resolve viajar pela Espanha e Norte da África. Na Espanha, foi hospedado por Chris Blackwell, seu novo produtor, uma vez que Boyd havia se mudado para Los Angeles. Reanimado, no retorno à Inglaterra, grava sozinho em apenas duas noites o álbum "Pink Moon", apenas para voz, violão e, eventualmente piano. A própria capa rompe com os discos anteriores: ao invés de uma foto do cantor, imagens e referências surrealistas.

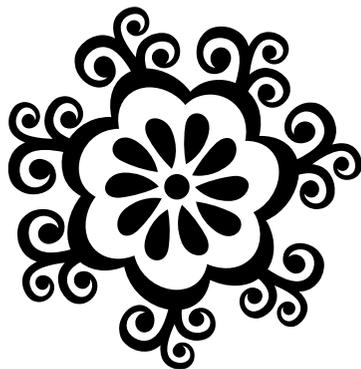
Lançado em 1972, "Pink Moon" também não obteve êxito comercial. Deprimido, Drake se submete a tratamento psiquiátrico. Nesse mesmo ano, viaja a Paris, encontra a cantora Françoise Hardy, que pede canções ao artista, nunca escritas: de volta à Inglaterra, as novas músicas que Drake produz só vão aparecer em álbum póstumo, sete anos depois: "Time of No Reply".

No dia 25 de novembro de 1974, Drake é encontrado morto por sua mãe em seu quarto. A causa mortis foi uma overdose de Tryptizol, um anti-depressivo que o ajudava a dormir. No toca-discos, o Concerto de Brandemburgo, de Bach. Na mesa, o "Mito de Sísifo", de Albert Camus. Nick Drake tinha 26 anos.

Dentre os lançamentos pós-

mos mais importantes, além de "Time of No Reply", estão a caixa "Fruit Tree", que reúne os quatro álbuns mais letras e biografia, coletâneas como "Way to Blue", "A Treasury" e "Made to Love Magic", que inclui versões raras e a inédita Tow The Line (divulgada durante um programa especial na BBC narrado por Brad Pitt) e o álbum "Tanworth-in-Arden" – não presente na discografia oficial do artista – que reúne gravações caseiras de blues e canções inéditas. Tais gravações foram remasterizadas em uma caixa lançada ano passado, "Family Tree". A comunidade do artista no Orkut, "Nick Drake – Brasil", traz links para outras inéditas, inclusive uma série de versões demos de músicas de Drake gravadas por Elton John (!) no início da carreira.

(*) Boa parte do texto desse intertítulo foi publicada pelo autor no jornal Hoje em Dia (MG) em 19 de junho de 2003. Os materiais de referência utilizados foram principalmente os encartes dos álbuns "Fruit Tree" (texto de Arthur Lebow) e "Tanworth-in-Arden".



Dois documentários

No começo de 1999, a BBC produziu quarenta minutos de um documentário, A Stranger Among Us - in search of Nick Drake, dirigido por Tim Clement. No ano seguinte, Jeroen Berkvens lançou A Skin Too Few: The Days Of Nick Drake. Os dois documentários têm propostas aparentemente semelhantes: detectar o atormentado mundo do tímido cantor e compositor em meio a paisagens de Tanworth-in-Arden, região inglesa onde cresceu

Nick, bem como as escolas e ruas por onde passou, intercaladas com fotografias (não há nenhum registro audiovisual de Nick Drake); a recorrência constante às músicas de Nick, ora como elementos de elipse, ora como elementos de fundo; depoimentos de amigos e contemporâneos e, principalmente, do único membro vivo da família – a irmã de Nick, Gabrielle Drake – com seu precioso acervo de cartas, desenhos e gravações, incluindo músicas cantadas pela mãe, Molly, ao piano, no mesmo tom doce e nostálgico do filho.

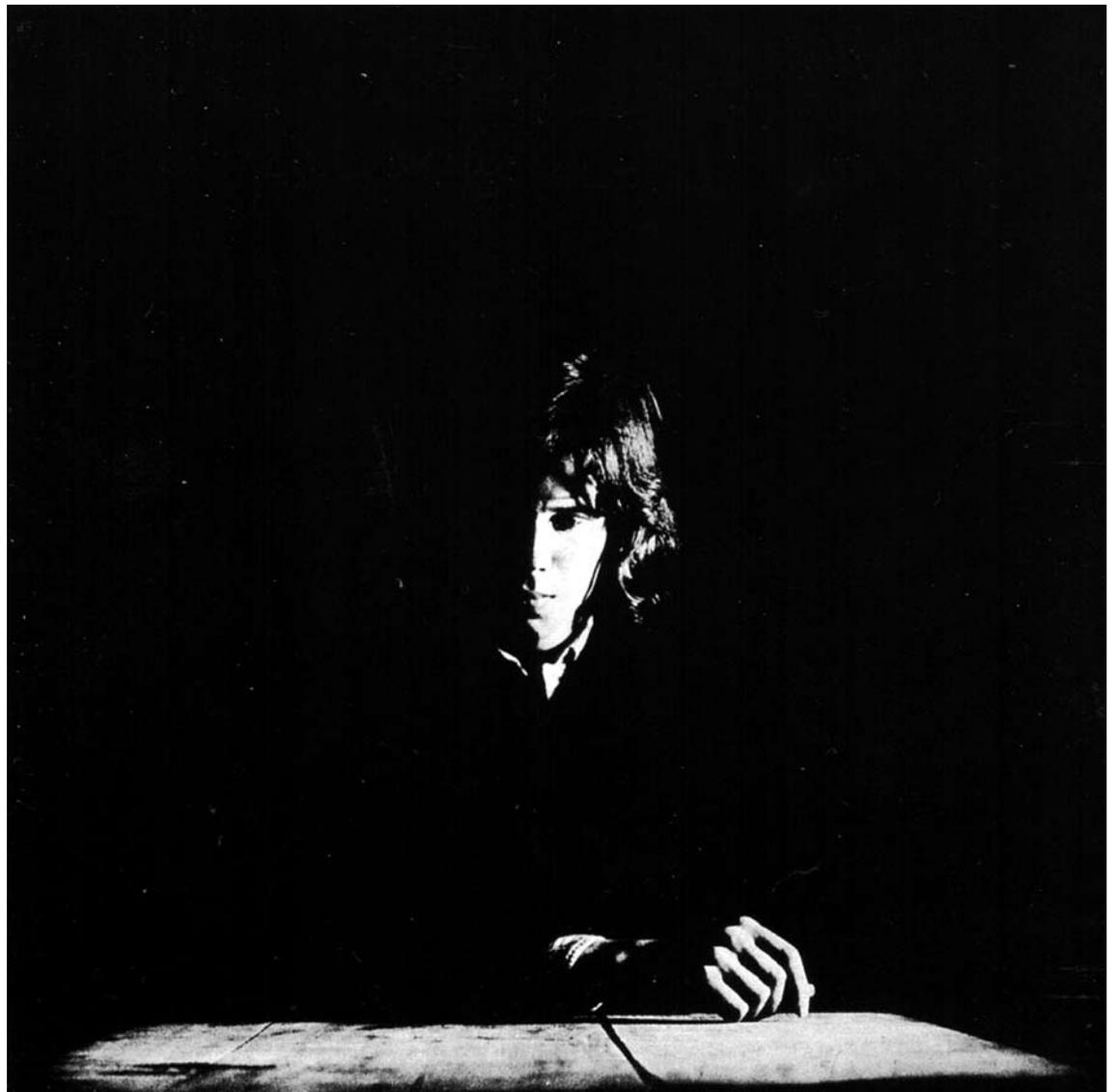
A diferença fica notória, contudo, no tratamento de cada um, evidenciado pelo título: no primeiro, o tom predominante é de recuperar Nick Drake a partir da reunião destes amigos, contemporâneos e conhecidos. Discutir seu comportamento, lembrar

de histórias que o envolvem. Assim, o filme tem como estrutura central a reunião de três núcleos de pessoas e suas lembranças e confrontações com, por exemplo, o material disponibilizado por Gabrielle sobre a mãe. Trata-se mesmo de entender, como sugere o nome, "aquele estranho entre nós", Nick Drake.

Já o segundo, libertado de um formato televisivo, avança em um ponto resvalado pelo primeiro: tentar ir mais a fundo na tormenta Drake, (des)envolvendo-o, perpassando a pele frágil que o separava de um mundo que não entendia, a partir de um mergulho mais denso e delicado em planos mais detidos (e poéticos) dos locais, da irmã, do quarto de Nick. Cada música lançada pelo cantor era uma espécie de compensação – e de comunicação – no universo em que, aos

poucos, se trancava. O ritmo dessa transação parece aumentar à medida em que saem novas músicas e novos álbuns. E o filme de Berkvens consegue reconstruir o ritmo dessa espécie de desconstrução: sabe suavizar com o uso de um plano ou de uma música o momento em que a atmosfera de Nick realmente começa a pesar. E, engenhosamente nos conduz dessa forma até que, quando tudo parecia sufocante, recorre a uma espécie de leve redenção (e revelação) no final.

Assim, a sugestão que fica é a de assistir os dois documentários seguindo mesmo sua linha cronológica: embora o primeiro traga, genericamente, mais informações, o de Berkvens é, cinematograficamente, bem mais resolvido – chegou a ser incluído em DVD na recém edição limitada da caixa "Fruit Tree".



Nick Drake

Tecnologia x Cotidiano

Você gosta de cinema e também de arquitetura? E ainda se interessa pelas complexas relações entre esta última e as tecnologias? Então, se ainda não viu, corra para a locadora e assista ao clássico “Meu Tio” (Mon Oncle, 1958), do cineasta francês Jacques Tati. Tudo o que você precisa saber sobre as contradições entre arquitetura e tecnologia está lá. E não pense que encontrará uma visão nostálgica sobre um progresso já ultrapassado: “Meu Tio” constrói uma deliciosa e ferina crítica aos automatismos da vida moderna e aos clichês da arquitetura dos anos 50. O mais curioso é que, se assistirmos ao filme com um olho lá e o outro em nossas atuais casas “modernas”, cheias de design

e acopladas a um enorme aparato tecnológico – em nosso tempo, mais cibernético e menos mecânico – nos descobriremos em situações tão infames e hilárias quanto as de Tati.

A crítica que encontramos ali coincide historicamente com uma tomada de consciência global em que se questionou a hegemonia da modernidade e seus valores unívocos e universalizantes. É deste tempo o início da consciência ambiental, a valorização das minorias, a incerteza quanto aos valores do progresso e da tecnologia, a recuperação das culturas locais e das virtudes da vida cotidiana. E é justamente sobre isso que se constroem os momentos mais cômicos do filme: so-

bre a oposição entre uma vida rigorosamente programada da casa burguesa e a liberdade e os pequenos prazeres do cotidiano na rua e no bairro tradicional onde vive o Sr. Hulot.

Mas que arquitetura é aquela atacada pela crítica de Tati? Seria a arquitetura moderna? Se pensou isso, se enganou. Um dos principais fundamentos da arquitetura moderna foi a inclusão da vida cotidiana como premissa ao trabalho dos arquitetos. As primeiras décadas do século XX apresentam uma extensa produção dedicada à busca de novas tipologias e espaços a fim de responder à maior complexidade dos novos modos de vida que decorriam do desenvolvimento industrial e do crescimento da vida urbana, a que antigas arquiteturas de orientação clássica já não mais respondiam. Buscando assimilar os avanços da técnica que a revolução industrial proporcionara no século anterior, os arquitetos modernos conceberam novos modos de produção para os edifícios, que propunham diferentes arranjos espaciais internos e novas relações entre a arquitetura e a cidade. Em toda a história da arquitetura não houve, de modo tão extenso e irrestrito como na arquitetura moderna, a inclusão de temas populares e cotidianos, como a casa, a indústria e os espaços de lazer para as classes trabalhadoras. Contudo, como toda grande invenção da cultura, também ela, quando produzida por mãos menos hábeis, se diluiu. E o resultado desta diluição é o que está retratado no filme. É a integração total do espaço interno da casa dos Arpel, indiscriminada, que leva os transtornos da cozinha para a vida social; ou os formalismos gratuitos das janelas circulares ou do percurso de entrada em forma de “S”, ou mesmo das

pedrinhas esteticamente organizadas do jardim, incapazes de permitir um caminhar razoavelmente regular. O desvio da arquitetura formalista dos anos 50, que deixa de se fundar na vida cotidiana e passa a ser pensada como a criação de um objeto esteticamente planejado para a representação do status social de seus moradores, assume sua representação máxima

na irônica fonte em forma de peixe. No contexto abstrato e geométrico da casa, é concessão ao gosto da senhora, que protagoniza deliciosos momentos recheados de uma crítica irônica ao preconceito e à ingênua falta de autenticidade da vida burguesa.

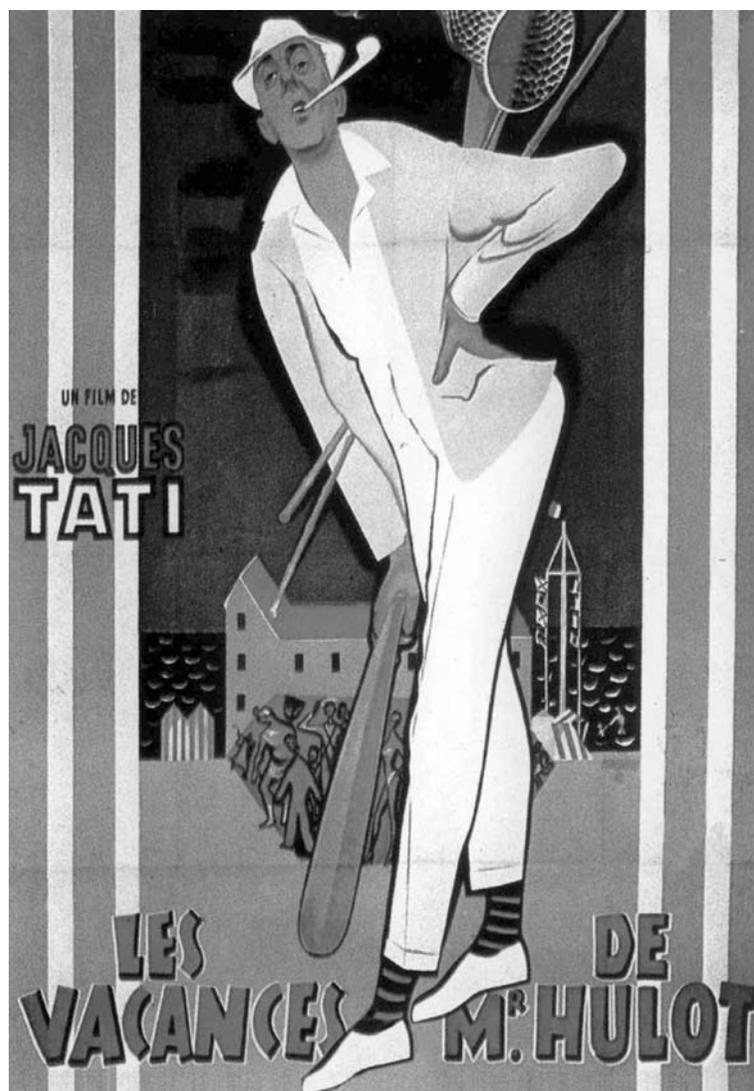
Se a fonte em forma de peixe, o forno elétrico e a porta automática da garagem dos anos 50 correspondem, em nosso tempo, às cozinhas-gourmet, às geladeiras com TV de plasma e os sensores de presença e cercas elétricas para segurança máxima dos condomínios do século XXI, a arquitetura tardo-moderna da casa ali apresentada não é muito diferente das nossas recentes casas brancas de vidro verde: são meras diluições de um modelo muito mais rico, mais fértil e mais vinculado ao cotidiano.

- “Tout se communique!” - a frase mais falada por Madame Arpel, é uma paródia do que se transformou, nos anos 50, a idéia de planta livre e integração espacial da arquitetura moderna. O que, nos anos 20, era um avanço proporcionado pelas estruturas independentes em concreto e aço a permi-



tir disposições espaciais mais complexas para atender às transformações da sociedade se dilui em uma estetização da forma moderna, abstrata, desvinculada das necessidades do cotidiano. O esvaziamento do compromisso ético da arquitetura moderna decorrente de sua transformação em estilo – ou de sua estilização –, dos anos 30 aos 60, é certamente uma das críticas mais perspicazes que podemos apreender de “Mon Oncle”. É uma lição pós-moderna, muito antes da pós-modernidade.

Carlos Alberto Maciel é arquiteto e mestre pela UFMG, professor, editor da revista de arquitetura MDC e sócio do escritório Arquitetos Associados.



Moda e tecnologia?

Denise Dahdah

De que formas o desenvolvimento tecnológico e a conseqüente mudança em processos e na cultura impacta o universo da moda? Conheça a visão de alguns profissionais ligados ao setor:

Jum Nakao - estilista paulista apaixonado por tecnologia – ele chegou a estudar engenharia eletrônica antes de optar pelo curso de Artes Plásticas

“Tivemos pouco desenvolvimento têxtil que pudesse afetar o universo da moda. O desenvolvimento tecnológico que mais afetou esta indústria foi a internet. A velocidade e a democracia com que as informações passaram a ser compartilhadas alterou o ritmo e o sistema de trabalho das empresas, imprimindo uma dinâmica mais veloz de desenvolvimento nas indústrias para que estas se compatibilizassem com a efemeridade acelerada dos lançamentos. No caso do sistema de trabalho, este foi alterado quando a disponibilidade democrática da informação para o público, imprensa e criadores conduziu a todos para uma nova relação/forma do uso da cópia/referência.”

Eliza Conde - estilista carioca

“Acho que impacta diretamente no sentido tecnológico, como o desenvolvimento de materiais novos e também na velocidade de consumo e informação. Isto tudo criou, ao mesmo tempo, um desejo de resgate do artesanal e a valorização de tudo que é único e feito à mão.”

Lenny Niemeyer - estilista paulista de moda praia radicada no Rio

“O desenvolvimento tecnoló-

gico impacta positivamente o universo da moda, já que permite confeccionar tecido mais leves e confortáveis, de matéria-prima mais pura e, principalmente, que não poluem o meio-ambiente.”

Patrícia Viera - estilista carioca que muito aplica a tecnologia no seu trabalho com couro

“Acho que em várias formas acelera a produção e em conseqüência diminui o custo. No nosso caso continuamos com a produção artesanal porque o couro é processado um a um, desde o tingimento, em que é preciso revisar pele por pele, até no corte. Neste caso a tecnologia é MUITO bem vinda, pois ela acarreta uma grande melhoria na qualidade do produto final. No meu desfile de

inverno 2008, usamos vários processos que, sem a tecnologia seriam impossíveis, como aplicações de beneficiamentos sem costura.”

Luiza Barcelos - estilista mineira de sapatos

“Quanto maior o desenvolvimento tecnológico, maior liberdade temos para criar. À medida que temos mais ferramentas para executar, mais asas podemos dar à nossas idéias. Nada barra a criatividade. Nada limita. No caso da minha empresa de sapatos, optamos por transferir a fábrica para o sul do país, mas especificamente para o Vale dos Sinos, pólo nacional calçadista que concentra a tecnologia de ponta do setor. O resultado é um produto com design diferenciado de vanguarda

e qualidade indiscutível”.

Ricardo Oliveros - arquiteto e jornalista de moda

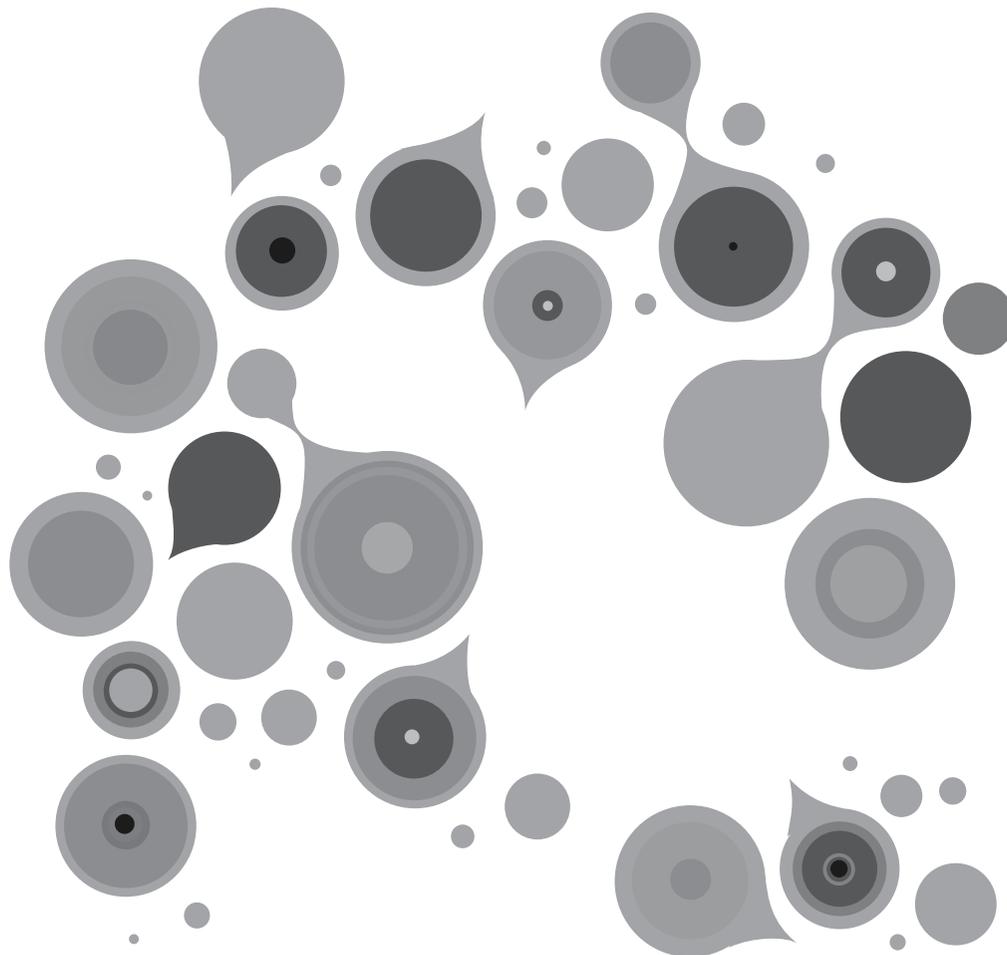
“Se entendermos a moda para além da roupa, como um documento ou um sistema que afirma sua época, podemos dizer que poucas são as linguagens que conseguem responder as velozes mudanças de um mundo midiático e tecnológico, quanto a moda.

Em toda a cadeia da moda, a tecnologia cria novas formas de relação: desde o setor produtivo com a pesquisa e criação de um novo tecido até softwares criados para otimizar a produção. No âmbito cultural, a moda vai além do desenvolvimento tecnológico e procura absorver novos comportamentos gera-

dos por ele; assim procura criar roupas e acessórios para atender as novas demandas. Isso pode ser sentido desde roupas que já vêm com filtro solar até uma nova bolsinha para carregar seu iPod.”

Juliana Freire - mineira, estilista e artista plástica

“Como a moda é reflexo das mudanças sociais em todos os sentidos (econômicos, artísticos, políticos...) e por vezes até impulsiona algumas mudanças, o “progresso” pode ser negativo ou positivo e seu impacto depende de como grandes grupos e iniciativas o direcionam. O desenvolvimento tecnológico agrega qualidade e traz maior diversidade à indústria: novos materiais como tecidos, aviamentos e estampas; aumento da produtividade; máquinas inovadoras como a estamperia digital, peças sem costura; durabilidade e resistência à peças e produtos industriais como uniformes, artigos para casa entre outros. As mudanças na cultura são mais amplas: substituição do homem pela máquina ao mesmo tempo uma valorização do artesanal como contraponto; consumidores mais exigentes ou até radicais; produtos mais acessíveis à grande massa; grande variedade de possibilidades aos criadores para diferenciar seus produtos e ao mesmo tempo um mercado de cópias bem estruturado e veloz. Um aspecto importante é em relação à ecologia: ela auxilia na busca e processamento de materiais e fibras - existe grande procura pelos consumidores de classes mais altas por produtos ecologicamente corretos. Já o aumento da produtividade sem controle gera mais lixo industrial e químico extremamente, extremamente nocivos ao meio ambiente.”



E o mundo mudou a máquina...

João Veloso Jr.

Um motor de combustão, quatro rodas, vidros e um habitáculo. A partir deste prisma minimalista, o automóvel pouco evoluiu desde que foi inventado em 1885 na Alemanha. Mas graças ao advento da eletrônica, quase tudo mudou. A máquina que mudou o mundo virou um dos principais meios de transporte e culminou por mudar a vida de todos. Esta revolução está apenas começando. Sua vida está prestes a mudar muito mais. Aquela simples máquina de locomoção virou um produto com alto conteúdo tecnológico.

Vidros e travas elétricas, rastreamento via satélite, ar-condicionado com temperaturas diferentes para cada passageiro, DVD, enfim, andar de carro ficou muito mais agradável do que há vinte anos. Lembro do meu avô num pequeno carro que levava toda a família para ir à praia. Ninguém merece enfrentar 40 graus, apertado entre as tias, para depois virar um boto cor de rosa nas areias do litoral.

Uma viagem de algumas horas já não precisa de uma caixa de CDs. Basta um iPod conectado ao rádio ou algumas mídias de MP3 que a diversão sonora está garantida sem ocupar tanto espaço. Há modelos que aceitam até mesmo um pen drive com arquivos de música para fazer a festa de sua viagem. Fora a praticidade de poder comprar músicas de que gosto sem a necessidade de pagar por todas as que vêm num disco. Sim, eu compro música e me orgulho disso. Músicos também têm famílias e precisam pagar o leite das crianças, certo?

Navegadores se guiavam por meio das estrelas

na época das grandes descobertas. Motoristas usaram mapas de papel por décadas e agora, bastam alguns toques no navegador GPS do seu carro. Qualquer forasteiro pode facilmente dirigir em toda cidade do mundo, mesmo sem nunca a ter visitado antes. Basta digitar nome da rua e número do destino que o aparelho vai lhe conduzir por comandos de voz ou por informações no painel. Num futuro próximo, você poderá até mesmo reservar um restaurante em Nova York a partir do seu carro sem importar em qual local do mundo você está. A comunicação fica cada vez mais sem fronteiras e salva seu bolso.

Chega de levar multas por falar ao celular dirigindo. Hoje o carro já lê mensagens de texto do celular. Fora a vantagem de falar "casa" e automaticamente o telefone fazer o trabalho de discagem. Tudo funciona sem as mãos ou desviar a atenção.

As placas de trânsito já podem ser "lidas" pelo carro. Uma câmera reconhece o sinal nas estradas e manda uma informação eletrônica ao veículo. Pessoas com "pés pesados" e que não respeitam a sinalização poderão ter a velocidade reduzida automaticamente ou receber algum aviso sonoro sobre a transgressão. Esta tecnologia já existe e deve chegar aos mercados europeus no início da próxima década para reduzir o índice de acidentes. Poderia chegar logo

ao Brasil. Só pra citar um exemplo, Minas Gerais foi o estado campeão em acidentes de trânsito no carnaval de 2007, com 449 ocorrências contra 255 no Rio de Janeiro, o vice-campeão. Freios ABS e várias outras novidades deveriam ser obrigatórios e já estão disponíveis e, acredite, ajudam muito a evitar desde pequenas colisões até acidentes fatais.

A nanotecnologia vai revolucionar muito mais que a eletrônica. Um pequeno exemplo pode ser o que vai acontecer com a cor do seu carro. Se você tiver um modelo vermelho e se cansar, bastará uma carga de energia para que ele fique azul ou de qualquer outra cor que você escolha. Os materiais ficarão mais leves e... Bem, o espaço é curto pra tentar explicar o que as nanopartículas farão. Será a revolução do anão!

O álcool é um combustível renovável. Todo o gás carbônico emitido é consumido pela cana de açúcar durante seu crescimento no processo de fotossíntese. Hoje, há até opção de um carro que funciona com quatro combustíveis e o biodiesel já é quase uma realidade. Já podemos dirigir sem o peso de poluir!

Se por um lado, o automóvel mudou a geografia das cidades e os meios de locomoção, o mundo se "vingou", mudando a máquina. Novas tecnologias, conceitos e design chegam cada vez

mais para tornar dirigir um ato de prazer. Pontos para a direção elétrica, o sensor de estacionamento e todas as demais invenções que tornaram a vida melhor, mais fácil e agradável.

João Veloso Jr. nasceu em 1947 em Belo Horizonte e vive atualmente em São Paulo.



Chris Potter

Canção para todos

Ivan Monteiro

Começava o ano de 1992 e eu acabara de receber um disco do trompetista Red Rodney. Não queria saber o que o velho parceiro de Charlie Parker andava aprontando, desejava mesmo era ouvir um saxofonista que havia ficado em terceiro lugar na importante competição de 1991 do Thelonious Monk Institute (empatado com Tim Warfield! segundo lugar: Eric Alexander!! primeiro lugar: Joshua Redman!!!). Potter arrasou em Confirmation (Parker) e Woody'n You (Dizzy Gillespie) mostrando a todos sua fluência no bebop e que vinha para ficar. Desde então o rapaz, nascido em Chicago em 1971, adicionou em seu currículo trabalhos ao lado de Steely Dan até Marian McPartland passando por Dave Douglas, Dave Holland e Paul Motian.

Hoje ele não toca mais o sax alto eternizado naquele disco e dedica-se ao sax tenor, sax soprano e ao clarone. É membro do quinteto de Dave Holland desde 1998 e já tem 15 discos editados em seu nome, cada um melhor que o outro. Ele se superou até em seu mais recente álbum, o essencial Song For Anyone.

Nessa maravilha de 10 faixas Chris usa e abusa do formato que escolheu para apresentá-las: um grupo de 10 músicos em formação pouco comum no Jazz tocando instrumentos como oboé, viola e o cello. As texturas e cores que o autor imprime nesta obra prima vão desde a música erudita até o funky, mas não se engane, há muito espaço para aquilo que muitos acham ser a alma do Jazz, a improvisação. O violino de Mark Feldman, o oboé de Michael Rabinowitz (num solo memorável na pop Family Tree),



a flauta de Erica Von Kleist e a doce clarineta de Gregory Tardy têm espaço de sobra para seus improvisos. Mas quem brilha mesmo é o líder. Seus solos em Estrellas der Sur e Cupid and Psyche são exemplos de como Potter evoluiu com o passar dos anos. As composições possuem um pouco de Gustav Mahler e Beethoven e em alguns momentos Maria Schneider como em, por exemplo, The Absence. Against the Wind nos remete a uma corrida a cavalo com o vento batendo na cara. Ícaro e sua trágica aventura parecem ser a inspiração para Closer to the Sun com todas as suas dramáticas mudanças. Aí fica claro porque Chris Potter é um dos mais respeitados e copiados saxofonistas da atualidade. Sua técnica apurada, seu som e suas infundáveis idéias o tornaram objeto de estudo de músicos por todo o mundo.

Recentemente assisti ao quinteto de Dave Holland no Mistura Fina no Rio de Janeiro. Mais uma vez o saxofonista provou estar em um nível acima de muitos de seus colegas. Durante um almoço me disse ser difícil fazer shows com a formação do Song For Anyone porque viajar com tantos músicos encarece o cachê. Mais um motivo para ouvir esta maravilha várias e várias vezes.

O fã - este estranho ser

A cena é clássica: aquela banda tida como uma das mais importantes do mundo rock anuncia que vem ao Brasil pela primeira vez, para uma série de shows nas principais capitais. A partir daí, o furor toma conta dos fãs-clubes espalhados por todo o país. Camisetas com o nome da banda e as datas da turnê são confeccionadas, parcerias com agências de viagem são firmadas para viabilizar a ida dos fãs de todo o país para as cidades onde os shows se realizarão, matérias e mais matérias são feitas para programas de tv, rádio e jornal utilizando estas mesmas pessoas como personagens e a contagem regressiva para o dia D é cada vez mais insana e intensa. Nos dias que antecedem ao show, alguns destes seres acampam na porta do estádio para garantir os primeiros lugares no gramado ainda que eles não sejam marcados. Lá dentro, os mais ardorosos seguidores da tal banda não se importam em esperar horas debaixo de um sol incandescente, queimando seus corpos porque esqueceram o protetor solar em casa, cantarolando uma a uma as canções mais famosas de seu ídolo, até a chegada do ápice do evento, quando eles enfim conseguem estar a poucos metros de distância daqueles que tantos bons momentos em suas vidas já embalaram.

O parágrafo anterior é fictício mas poderia tranquilamente ser verdadeiro. Todos já presenciamos in loco, via tv ou por qualquer outro veículo midiático demonstrações de idolatria absoluta por uma banda. Os responsáveis por tal idolatria - os fãs - são aqueles seres que não se preocupam com mais nada em suas vidas a não ser seguir os passos de seu idolatrado, colecionando informações sobre sua vida, ouvindo sua música 24 horas por dia e 7 dias na se-

mana. Agem, pensam, falam, caminham, olham, piscam, respiram.....querem ser como ele. Exagero? Pode ser se considerarmos a intensidade do que foi descrito por aqui, mas não é difícil encontrarmos fãs que já tentaram chegar a estes níveis. Todos nós já fomos, somos ou seremos fãs de algum artista, mas a intensidade desta idolatria é que separa os homens dos meninos, como bem diria meu pai, um cinéfilo de carteirinha e fã dos clássicos.

Nunca fui fã insano de nenhum artista, mas não sei se posso me vangloriar disto. Mas nem é este o ponto deste artigo. Ultimamente tenho reparado que não consigo mais ter uma relação de fã/ídolo com

nenhum artista em atividade. Foi-se o tempo em que eu me importava com estas coisas? Gostaria de dizer que sim, mas ainda respiro de música. Onde está o problema? Não se fazem mais ídolos nos dias de hoje como os de antigamente e assim não consigo mais encontrar motivos para idolatrá-los? Pode ser. Não tenho mais tempo para perder seguindo a vida de um músico? Também é provável, mas ao mesmo tempo isso tudo é triste, já que é bacana ouvir uma música, gostar dela, procurar outras do mesmo artista e se identificar com ele.

Vamos combinar: idolatrar alguém no nível descrito no primeiro parágrafo ou perto disto é coisa de adolescente. No máximo. Fica muito feito ver um marmanjo na faixa dos 36 anos respirando a vida de outro marmanjo. Ou marmanja, como queiram. Só mesmo um adolescente, aquele ser em formação, que está constantemente procurando motivos para se rebelar ou nadar contra a maré, acha que é bonito viver em função da música. Não é toa que os maiores e mais ativos fãs-clubes são sempre de bandas típicas da adolescência: metal, boy bands ou - nos dias atuais - emo. Bandas como My Chemical Romance, Linkin Park, Iron Maiden (hoje e sempre!), Metallica, Led Zeppelin e adjacências suscitam este tipo de idolatria e ai de quem falar mal de algum deles. Corre o risco de ser excomungado, já que estes ídolos são frequentemente comparado a semi-deuses. Ou deuses por inteiro.

E quando o assunto chega nos ídolos do passado, já falecidos? Os fãs de Raul Seixas, Renato Russo, Jim Morrison (The Doors), Kurt Cobain são tidos como alguns dos mais chatos do país. Sem querer entrar no

mérito da veracidade desta informação (até porque não existe verdadeiro e falso nisto), o xiitismo com que os fãs dos artistas falecidos tratam seus ídolos, não permitindo que ninguém fale mal deles, tampouco aceitando que eles sejam menos do que deuses, beira as raias da loucura e faz com que os fãs de música em geral tenham um pouco de preconceito. Não foram poucas as vezes em que ouvi pessoas dizerem que não escutam tais artistas pela preguiça que têm deste xiitismo.

Mas será que existe o fã não-xiita? Esta relação ídolo-fã pode existir de uma maneira saudável? Acredito que sim. E para tentar provar isto, vou contradizer tudo o que está aí para cima. Na verdade, existe sim um artista que idolatro nos dias de hoje. Chama-se Wilco e é uma banda norte-americana. Não vou ficar aqui tentando te convencer que trata-se da melhor banda de rock do mundo, mas eu não só acredito nisto como este fato me leva a procurar tudo deles. A cada CD oficial, gravação de show ou MP3 de cover jogada na internet que consigo aumenta minha certeza deste fato. Sou então um fã xiita de Wilco? Acredito que não, porque não vivo em função disto. É algo doentio? Também não porque falo de outras coisas em minha vida. Talvez eu tenha, aos 36 anos de idade, encontrado a fórmula para ouvir boa música, gostar do artista na medida certa e conviver bem com isto.

Ah sim, antes de ir embora: já ouviu "Sky Blue Sky", o último do Wilco? Não? Está perdendo tempo, meu amigo. Afinal, trata-se da maior banda de rock da atualidade. E Jeff Tweedy, seu líder, é um gênio. E estas são palavras de um fã comedido, acredite.



Gestão Cultural e TI: uma banda que se alarga e da tecnologia e da profissionalização



Ana Paula Sena

"PÔS NA BOCA, PROVOU, CUSPIU
É AMARGO, NÃO SABE O QUE PERDEU
TEM UM GOSTO DE FEL, RAIZA AMARGA
QUEM NÃO VEM NO CORDEL DA BANDA LARGA
VAI VIVER SEM SABER QUE MUNDO É O SEU."

GILBERTO GIL. TRECHO DA MÚSICA "BANDA LARGA CORDEL"

Antes de investir em equipamentos para gestão da informação, gestores culturais deverão avaliar quais processos e quais necessidades precisam ser atendidas. A ênfase na aquisição de Tecnologias da Informação (TI) será feita só depois da estratégia elaborada no planejamento organizacional.

Como os negócios no setor cultural podem variar de tamanho, concentrando-se muitas vezes em empresas de pequeno e médio porte, a idéia é ter processos mais eficazes para tecnologias razoavelmente eficientes. Isso é o que se pode observar no cenário atual. Não há uma organização que atue sem um mínimo de recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Assim, é impossível para o setor cultural também não aderir ao uso destas ferramentas em função da crescente demanda por informações e por agilidade na tomada de decisões.

O Mistério da Cultura (MinC) adotou uma estratégia inovadora investindo em software livre, focado no conceito estratégico de disseminação a partir da gratuidade da tecnologia. Baseando-se nesses parâmetros, foram feitas as últimas alterações no portal eletrônico do MinC. Assim, gradativamente, observa-se um espaço

virtual com diversas possibilidades de interação e intervenção dos usuários em suportes como texto, áudio e vídeo. Bastante adequadas às necessidades de um espaço destinado à cultura e aos ofícios que a circundam. Essas alterações foram implantadas para facilitar o acesso à informação e, conseqüentemente, a transparência na execução dos processos. A última atualização no portal eletrônico do MinC privilegiou o uso de um software de gestão de conteúdos web chamado Wordpress e, mais recentemente, o MinC anunciou a implantação de uma ferramenta para apresentação de propostas encaminhadas via Internet. Tais avanços vêm acontecendo e provando a necessidade de adaptação a essas novas ferramentas por parte dos profissionais do setor.

A metáfora que diz de algo indigesto, na música do Ministro Gilberto Gil, pode referir-se ao mundo tecnológico hoje instaurado. Em contrapartida, este mundo aproxima pessoas, promovendo a dádiva da colaboração na qual os participantes trocam conhecimento. Contribuição substancial para o desenvolvimento econômico e humano possibilitada pela máquina, "cérebro eletrônico", que propicia aos de carne e sangue a arte, o encanto e o encontro.

A banda da tecnologia e da profissionalização

Diego Ribeiro

"OU SE ALARGA ESSA BANDA E A BANDA ANDA
MAIS LIGEIRO PRAS BANDAS DO SERTÃO
OU ENTÃO NÃO, NÃO ADIANTA NADA
BANDA VAI, BANDA FICA ABANDONADA"

GILBERTO GIL. TRECHO DA MÚSICA "BANDA LARGA CORDEL"

Assim também acontece no meio cultural: ou se profissionaliza ou então pára no tempo. A utilização de ferramentas de gestão capazes de organizar e sistematizar informações e resultados é iminente num mercado cada vez mais alinhado com as regras e a lógica da economia mundial. Investidores, proponentes e incentivadores necessitam, cada vez mais, mensurar e contabilizar os resultados de seus projetos, o retorno de investimentos, o impacto na mídia e em comunidades, além de mais uma infinidade de variáveis quantitativas e qualitativas, sendo que, no caso de projetos culturais, muitas vezes, as últimas sobrepõem-se às primeiras. Para saber a quantas anda Para saber a quantas anda a utilização dessas ferramentas de gestão, fomos à campo e conversamos com dois gestores culturais: Hannah Drumond, da Superintendência de Ação Cultural da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; e Marcelo Santos, Gerente de Arte e Cultura da Fundação ArcelorMittal Brasil.

Ao responderem sobre a função de uma ferramenta de gestão, foram recorrentes palavras

como organizar, sistematizar, monitorar e avaliar. Segundo Marcelo Santos, "a função de um software de gestão de projetos [culturais ou não] é sistematizar informações, fluxos e processos, possibilitando o monitoramento do projeto e garantindo sua execução conforme o que foi proposto". Evidentemente, cada gestor ou instituição, busca utilizar ferramentas de gestão que se adequem ao tipo, tamanho e quantidade de projetos que gere.

No caso da Secretaria de Estado de Cultura, é utilizado um robusto sistema de banco de dados, modelado no software Microsoft Access, que organiza, armazena e processa os dados de projetos e proponentes possibilitando a emissão de vários tipos de relatórios com os mais diversos cruzamentos de informações. Para Hannah Drumond, "a utilização de ferramentas como Excel (esquema de planilhas e correlação entre elas), Project e banco de dados auxilia significativamente todos os processos da gestão cultural, mesmo que não tenham sido desenvolvidas unicamente para este fim".

A gerência de arte e cultura da Fundação ArcelorMittal Brasil optou por desenvolver seu próprio software de gestão de projetos utilizando tecnologia de ponta que possibilita a modelagem do sistema conforme o projeto a ser executado, ou seja, para cada caso, podem ser criados indicadores de avaliação dos projetos buscando sempre a fidelidade com o escopo proposto inicialmente. Executado via Internet, o software ainda inova ao permitir que os próprios envolvidos no processo de gestão - proponentes, financiadores e gestores previamente cadastrados - alimentem um banco de dados no qual é possível armazenar e organizar o que Marcelo Santos chama de "evidências" de um projeto: desde números e dados sobre público, geração de emprego e renda e impacto na mídia, até mesmo a própria imagem de uma matéria publicada em jornal impresso, um vt veiculado em televisão ou o texto de uma crítica de um site na Internet. Atualizado por diversas fontes, o sistema permite um controle eficiente dos processos e fluxos dos projetos por meio de análises comparativas entre indicadores quantitativos e qualitativos.

Podemos notar que as possibilidades são infindáveis no que diz respeito à adequação da TI às especificidades dos projetos culturais, assim como é fato que a profissionalização dos gestores culturais e, conseqüentemente, do setor cultural anda par e passo com a utilização de novas tecnologias. Assim, ou a banda alarga ou ela pára de tocar.

Para saber mais:



Indicações bibliográficas:

DAVENPORT, Thomas H. Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. 5.ed. São Paulo Futura, 1998. 316p. ISBN 8586082724

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260p. (Trans) ISBN 8573261269

Sites

Fundação ArcelorMittal Brasil

<http://www.fundacaoarcelormittalbr.org.br>

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais

<http://www.cultura.mg.gov.br/>

Software Livre

<http://www.softwarelivre.gov.br/>

Wordpress

<http://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>

A geração digital está em um ponto qualquer do universo ou em um universo qualquer ponto com

Em um mundo imperativo, uma sociedade baseada em redes periféricas e centrais se desenha no maior espaço nômade jamais habitado: os comprimentos de banda, as transferências de conteúdo praticamente instantâneas com a possibilidade real de se filtrar e descartar o que não lhe pertence ou o que os indivíduos que passaram de consumidores a articuladores, provedores de conteúdo, manipulam com uma energia frenética. Sejamos todos observadores de um período incerto habitado por pessoas criadas para a certeza e a durabilidade que nos proporcionará mudanças comportamentais em esferas primitivas, avançadas e paralelas. E como será o consumo em um mundo onde o centro se desloca vertiginosamente para a periferia e a periferia assume papel fundamental de condutora de sistemas ávidos por capacitação, inclusão e dedicação? Mas atenção: não falo em posicionamento geográfico.

Comunicação fluida, nômade, estática, soberana apoiada em poderosos programas estratégicos e de gestão de marcas assumem espaços até então democráticos, onde os conteúdos são escolhidos e acolhidos, retransmitidos em um sistema de marketing viral fulminante. A senha desta nova ordem abrirá e descortinará as portas para uma geração que se iPod conteúdos nas esquinas dos shoppings, dos metaespa-

ços, que experimenta compartilhamento total em redes wi-max, que se habitua com o 25º horário como se faz com o horário de verão, porém, de uma forma permanente e reciclada a cada novo fuso.

Vivemos em um tempo em que a nossa comunicação não reflète a realidade que vivemos. Direitos autorais CC*. Direitos de propriedade CC*.

Espaços primitivos das mãos, dos cartões, das impressões digitais que regem as consultas numéricas de seus CPFs, mentes e consumidores que ditam o andar da carruagem gerando o marketing inverso e o hiperconsumo, sim porque a virtualidade é medieval, a armadura que se conecta ainda é um desenho de consumo e de comportamento. Empresas que são sucesso, mas não sabem como capitalizar seus conteúdos e acessos. Agências de comunicação que ostentam feudos criativos. Assistentes on-line da disseminação virtual de conceitos, comerciais, marcas, celebridades, boatos, ondas falsas e correntes do bem estão imersos na busca da operação do seu ser em uma sociedade dominada pelo ter, seja ele em qual espaço seja – codificado.

E as empresas, o que fazem para se adaptarem a uma ordem que por enquanto pode ser chamada de desordem? E esse público febril pelo digital, o que espera dos profissionais

de comunicação?

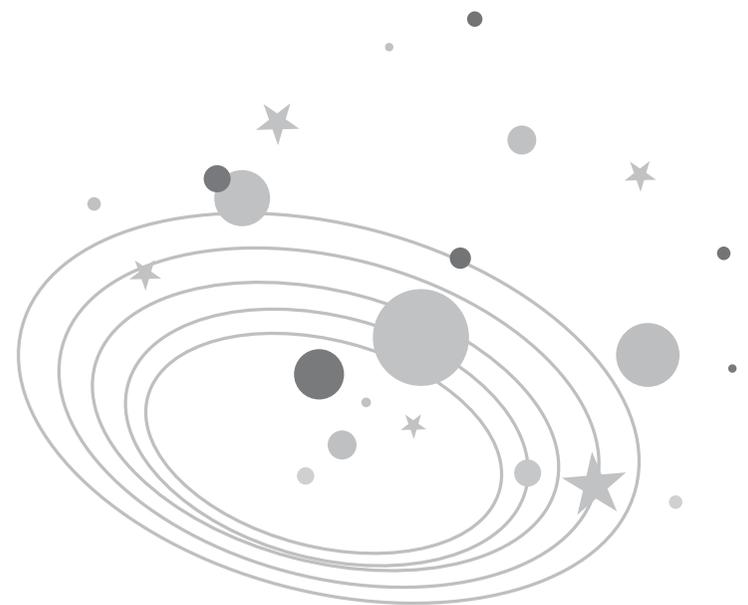
Sincronismo, compartilhamento, Google, You Tube, Orkut, Msn, Sms, ftp, respostas, perguntas, co-participação, anonimato de celebridade, direção de conteúdo? Poder de escolha contemplada, gerenciada, perecível?

Não sei responder. Assim como as gerações que antes eram conhecidas por suas décadas, suas conquistas, seus posicionamentos e hoje as que são reconhecidas por X, Y, Z, ige-generation, mesmo que a origem delas seja do B-A-BÁ, do estilo retrorolucionário, modernas apesar de quase antigas.

Universos mais democráticos, forças compartilhadas, inclusão sempre, modelos sem manual e principalmente vontade de adaptação regem as senhas que serão pedidas para estas novas oportunidades de migração e emigração da comunicação direcionada aos nômades de hoje – os comunicativos em tempo integral.

*CC = *Creative Commons*

*Eduardo Braga, *1967
Designer e Diretor Criativo da Pessoas Comunicação de Marcas.
Professor na graduação e pós-graduação na FUMEC e PUC Minas.
Diretor da ADG Brasil – Associação dos Designers Gráficos Brasil.
eduardobraça@pessoascomunicacaodemarcas.com.br*



Leia • O mundo codificado

Vilém Flusser

Organização: Rafael Cardoso

Tradução: Raquel Abi-Sâmara

Cosac Naify

A obra de Vilém Flusser (1920-1991) desvenda a tentativa milenar da humanidade de superar suas limitações físicas por meio da tecnologia. Nesse processo, o autor demonstra que os designers, embora tenham um papel central, caminham sobre um chão conceitual muito frágil.

As teorias apresentadas destroem lugares comuns, verdades superficiais e leis não escritas, além de lançarem luz sobre problemas que sequer começamos a enfrentar.

Flusser, filósofo nascido em 1920 na cidade de Praga, na atual República Tcheca, passou cerca de trinta anos de sua vida no Brasil, onde engajou-se no debate filosófico, contribuindo com escritos para a Revista Brasileira de Filosofia e para os jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.

Os textos trazem a marca da melhor produção do autor: são curtos, rápidos, claros, precisos, incisivos, mas, como afirma Rafael Cardoso, organizador da edição, “que ninguém se engane com a aparência amena dessa água, cuja superfície transparente esconde a profundidade vivente de um oceano!”

Essencial à formação de qualquer designer, o livro é referência obrigatória para se entender melhor a encruzilhada entre a materialidade temporal e a imaterialidade eternizada à qual nossa cultura parece estar chegando.

O projeto gráfico arrojado tem um ar high-tech, com capa em PVC (plástico flexível) e impressão em serigrafia transparente

Acesse: Y-Trends - Tendências . Comportamento . Consumo Jovem
super.abril.com.br/ytrends/index_frames.html

Assista • Prometeus a revolução da mídia . parte 1 e 2

<http://www.youtube.com/watch?v=G3fyQjLzTtc>

http://www.youtube.com/watch?v=PY5hBd8_Q-E&feature=related

Escute • Podcast - Planejamento, Gestão e Marketing Digital

<http://podcast.terra.com.br/igroup.xml>

Conteúdo sobre e-business em todos os seus aspectos - de pesquisa a marketing digital, passando por metodologias de planejamento e gestão e experiências práticas vividas pela equipe de professores e alunos do E-MBA em Planejamento, Gestão e Marketing Digital, promovido pelo I-GROUP, EDUCARTIS e FECAP.

Uma mídia chama a outra

O que é publicar um livro? Quando se fala em publicar, é preciso pensar em um “público”. Nem sempre, no entanto, a relação entre obras e leitores é direta e simples. Arrisco-me a dizer que essa relação, na maioria das vezes, sequer existe. Pode-se, é claro, pensar em um público restrito, restritíssimo até, mas o fato é que livros não são “mídias de massa”, salvo exceções que nem é necessário explicitar.

Até certa altura do século XIX, as únicas mídias existentes eram o livro e o jornal, este ainda recém-nascido em comparação com o velho livro, que já havia passado por alguns formatos e materiais. Não era possível, ainda, falar em público amplo e nem em campanhas de leitura. De outra parte, as pessoas alfabetizadas eram poucas, infinitamente menos do que hoje, o que também restringia os poucos títulos existentes (comparado a hoje, claro) a algumas áreas de interesse.

Literatura, no entanto, sempre foi uma área de publicação importante. Se não para um vasto público, ao menos para o desenvolvimento cultural de povos e nações. Pergunte-se a qualquer francês a importância de um Victor Hugo. Antes disso, questione-se um italiano sobre Dante ou um alemão sobre Goethe. Essas figuras autorais foram importantes não apenas porque escreveram livros conhecidos, mas também porque ajudaram a constituir a cultura de seus países e, em alguns casos, até mesmo a definir uma língua culta nacional.

O Brasil passou por processo parecido, embora com centenas de anos de atraso. Não se atribua isso à nossa preguiça indígena ou ao rancor escravista. O problema era que Portugal proibia escolas e prelos em solo colonial. Machado de Assis, o grupo da poesia mineira ou Gregório de Matos não são apenas escritores antigos, mas formadores de cultura, práticas

culturais leitoras brasileiras.

No século XIX, uma virada tecnológica fez surgirem algumas mídias e a origem de outras tantas. O rádio e o cinema foram algumas delas. Estas, sim, um pouco mais tarde, “mídias de massa”. No século XX, a televisão, a Internet, o telefone móvel. Sim, celulares são mídias móveis, algo que o telefone fixo não era. Tudo isso se soma a mídias já existentes e altera nossa relação com a distância, a comunicação, a sociabilidade, a leitura, a escola, as outras mídias. E o livro nisso tudo? Assim como o rádio e a televisão, vem se debatendo contra a inércia, tentando se manter, nem acima nem abaixo, mas ao lado das mídias mais recentes.

Mesmo que o livro encontre seu lugar estratégico e específico entre as mídias existentes, produzido no sistema atual, ele não será mídia de massa. Terá seu público e seu lugar, mas não será ágil como uma

Internet e nem massivo como a televisão. Basta lembrar que as tiragens de obras, quando muito, contam com 5000 exemplares. Obras literárias estreantes, como poesia e contos, costumam contar 500 cópias, 1000, no máximo, grande parte das quais não circula verdadeiramente. Se cada leitor emprestar um livro a mais dois amigos, a multiplicação dos leitores não alcançará a enésima parte do que um programa de televisão alcança ou a leitura de uma crônica em um site.

Nada disso, no entanto, deveria ser problema. Mesmo com tiragens baixas e a dificuldade de circulação que o material impresso encontra, poetas e contistas ficaram famosos em todas as partes do mundo. Paulo Leminski e Chacal fizeram, eles mesmos, baixas e precárias tiragens de seus primeiros livros. Hoje, são assunto de vestibular. Mesmo que vendam mais obras do que no início da carreira, certamente

seus livros circulam muito menos do que seus nomes e seus poemas isoladamente.

No fundo, outras mídias reforçam e ajudam na circulação de autores e obras, mesmo que o livro propriamente não saia de certa zona de distribuição. Matérias em revistas sobre Drummond ou textos de jornal escritos por Oswald de Andrade, críticas de Clarice ou de Ana Cristina César, CDs de poemas produzidos por grupos de poetas, leituras em público em grandes festivais ou a atuação de Fernanda Montenegro a partir de um conto de autor contemporâneo, tudo isso ajuda um livro a ser muito mais do que apenas uma brochura de papel. As mídias competem e se excluem muito menos do que se pensa. Se os artistas souberem tirar proveito de viver em um mundo multimídia, poderão fazer circular suas obras sem se prender a embargos que apenas se supõe existirem.



Comércio eletrônico torna-se aliado no comércio tradicional

Adriano Macedo

Com o aumento do número de usuários da internet, o comércio eletrônico de livros ganha espaço diante do comércio tradicional. Envolvendo sobretudo custos fixos menores numa comparação direta com uma livraria convencional, o e-commerce, com o desenvolvimento de novas tecnologias e ferramentas que facilitam o acesso, está vencendo outra barreira, a da segurança. Um número cada vez maior de consumidores aderiu às compras pela internet. Longe de ser um inimigo, o comércio eletrônico pode ser um aliado nos negócios para os empresários que já atuam no varejo. Um bom exemplo é a rede leitura, que identificou outra vantagem no e-commerce além das vendas. "Alguns clientes recorrem à loja virtual como catálogo eletrônico para visualizar o produto e consultar preço antes de ir até a loja", afirma o sócio-gerente da Leitura Savassi e da Leitura Web, Carlos Alberto Aguiar.

Desde 2002, quando foi aberta

a loja virtual, houve um crescimento significativo. "No início, vendíamos uns 20 livros por mês, hoje são em média 8 mil". As vendas pelo site da empresa já representam em torno de 8% das vendas globais da rede. "Comparando o final de 2007 com o de 2006, houve um crescimento de 70% nas vendas. Atribuo esse aumento, especialmente ao número de acessos à Internet no Brasil, que tem crescido".

Novidade

Carlos Aguiar projeta um crescimento de 50% nas vendas da loja virtual em 2008. Uma das razões para atingir o resultado está nas mudanças do site, que ganha ferramentas mais ágeis de atualização, navegabilidade e interação. Na atual loja virtual www.leitura.com.br ou www.leitura.com são vendidos em torno de 65 mil produtos. Com as mudanças, a nova página vai oferecer 150 mil itens. Outra novidade é a parceria estabelecida com os Correios, que permitirá a inserção de uma nova loja virtual dentro do site da empresa (www.leituranet.com.br), que garantirá logística de entrega dentro e

fora do Brasil. Na prática, a leitura também amplia as possibilidades de negócios da rede na internet.

Comportamento de consumo

Os dados mais recentes da Pesquisa sobre Uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação no Brasil, realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto br (NIC.br), mostra que 11,3% dos usuários de internet fazem compras na rede anualmente. Entre os produtos mais comprados via web estão os livros, revistas e jornais (30%); equipamentos eletrônicos (23,6%); filmes e músicas (20,8%) e computadores e equipamentos de informática (19,3%).

Usuários residenciais

O acesso à internet no Brasil vem registrando sucessivos crescimentos. Pesquisa divulgada em fevereiro pelo Ibope/NetRagins mostra que o Brasil registrou expansão de 50% no número de internautas residenciais ativos em janeiro de 2008 em relação ao mesmo período do ano passado. Já são 21,1 milhões de usuários.

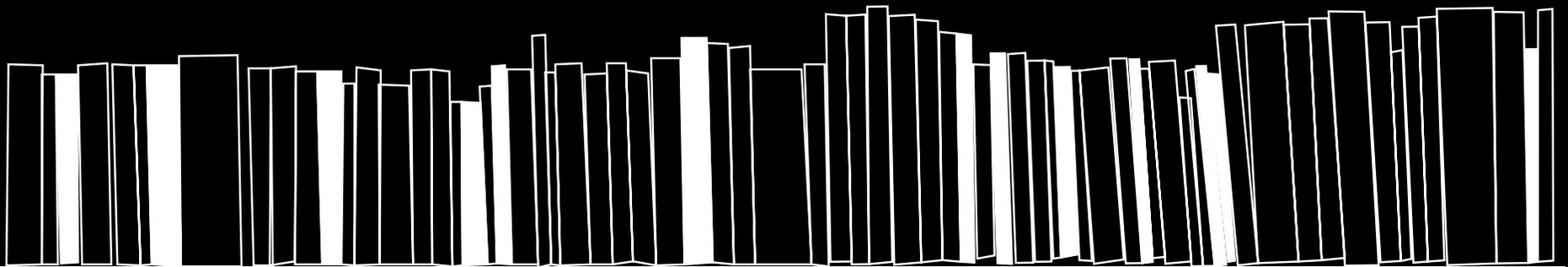
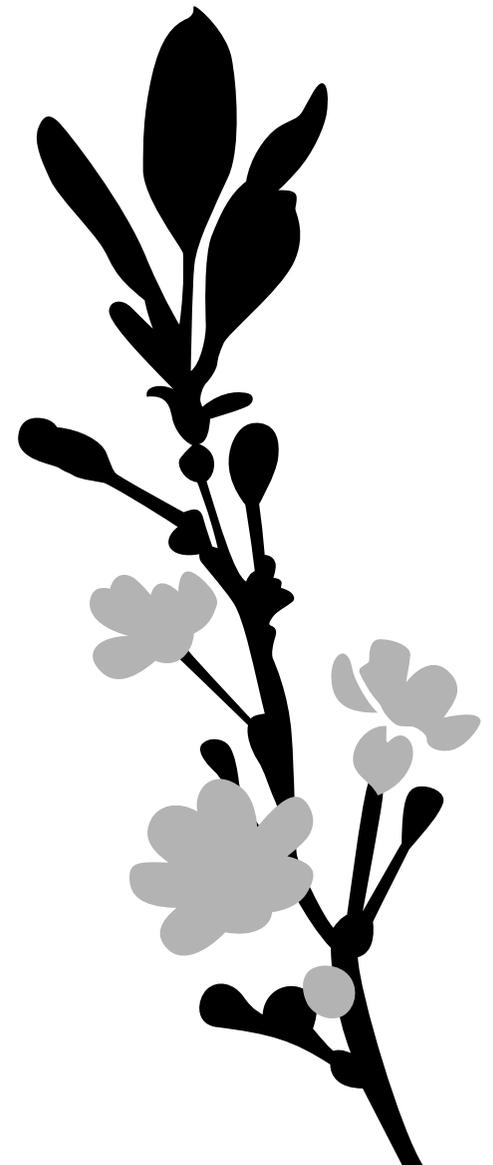
Google Book Search

A versão brasileira do Google Book Search implementou uma opção útil para quem quer pesquisar ou mesmo comprar um livro encontrado na internet (seja num site de comércio eletrônico ou numa livraria física). Trata-se da funcionalidade da Pesquisa de Livros do Google (<http://books.google.com.br>).

Colaborou nesta edição a jornalista Poliana Napoleão.

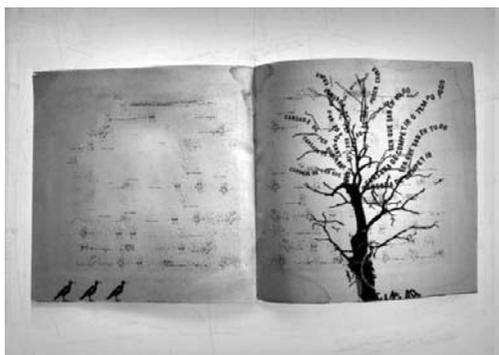
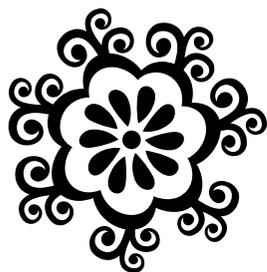
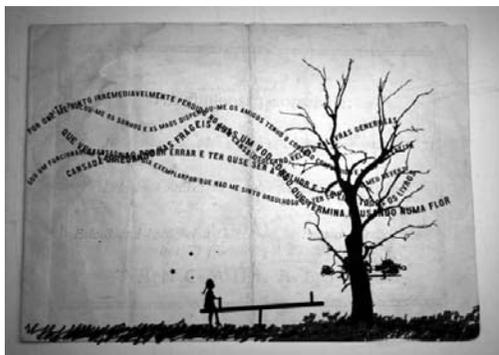
Adriano Macedo é jornalista.

E-mail: adriano@cafedoscritores.com.br



LANCE O SEU LIVRO NO CAFÉ COM LETRAS

Raquel Pinheiro



Raquel Pinheiro é estudante de Design Gráfico na Universidade Fumec. Pesquisa de estilo, técnicas e linguagens são a base de seu trabalho. Raquel atualmente concentra seu interesse em motion design e vídeo. Questionada sobre a relação da arte com o design, afirma que a diferença entre os dois está no objetivo: "Enquanto a arte é uma expressão pessoal o design é baseado em pesquisa e tem que lidar com o mercado". Mas ressalta que o diálogo do design com as artes funciona muito bem.

Visite: www.flama.art.br



Leandro Couri

Berimbau Mandou Chamar

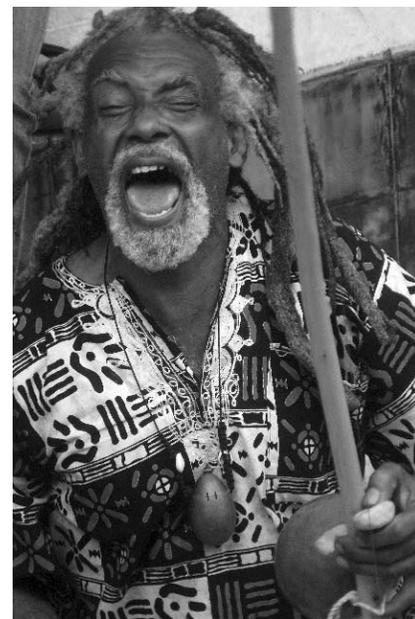
Sensações da capoeira
na fotografia de Leandro Couri

O fotógrafo e capoeirista Leandro Couri expõe no Café com Letras, na rua Antônio de Albuquerque, 881, na Savassi, em Belo Horizonte, até o dia 15 de março.

O trabalho apresenta elementos da arte afro-brasileira desenvolvida em Minas Gerais, como os momentos capturados nas rodas de capoeira realizadas no Festival de Arte Negra (FAN), ocorrido na capital mineira no ano de 2007.

Por meio do movimento dos corpos, do clima, dos encontros e das imagens, Leandro mostra alguns fundamentos do jogo de capoeira e dá seu depoimento pessoal sobre essa arte, que o conquistou, como praticante, há quase 15 anos. 'A fotografia e a capoeira são partes das minhas sensações e a tentativa foi demonstrar os sentimentos através do olhar', enfatiza.

Couri iniciou sua carreira profissional como fotógrafo em 2001. Na bagagem, fotos publicadas em diversos jornais e revistas. Atualmente, é fotógrafo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH) e da Prefeitura de Belo Horizonte.



4A. MOSTRA DE DESIGN



AZULEJARIA
BRASILEIRA



MOBILIÁRIO
MINEIRO
CONTEMPORÂNEO



DESIGN E
SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA



DESIGN
DE
JÓIAS



DESIGN
DE
SUPERFÍCIE



DESIGN E
ARTESANATO



DESIGN NO
COTIDIANO



ENVIRONMENTAL
DESIGN



DESIGN DE
GUERRILHA



TIPOGRAFIA



DESIGN
DE
LUZ



DE 14 A 25 DE ABRIL DE 2008, NO CAFÉ COM LETRAS

RUA ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE, 781 - SAVASSI - TEL: (31) 3225-9973 - WWW.CAFECOMLETRAS.COM.BR

REALIZAÇÃO:



PRODUÇÃO:



APOIO CULTURAL:



REDE MINAS



Zaire

Danilo Moncastro

Fui escolher um presente para o meu irmão outro dia. A escolha foi fácil de início. Tentei lembrar de quando tinha mais ou menos os mesmos dez anos dele e fui direto. Um album de selos!!!

Como todo bom escoteiro eu adorava selos. Tinha de vários países do mundo, Itália, França, Egito e até da Tcheco-ainda-eslováquia. Eu importunava os meus tios, vizinhos, professores ou qualquer outro bípede que me desse bom dia com a pergunta "Ah, e você recebe cartas do exterior?", na busca incansável por mais selos. Pra mim, selo que é selo era selo usado. Selo que serviu para trazer uma carta de um lugar bem longe pra pertinho da minha casa. Se não era usado era muito fácil e sem significado. Pelo menos era assim que eu pensava.

Como tudo que é bom acaba, logo veio a amarga lembrança de como a minha empolgação foi aos poucos sendo minada quando autenticações mecânicas foram substituindo o glamour daqueles pedacinhos de papel autocolantes. Países

inteiros em franco progresso e busca pelo desenvolvimento e rapidez na entrega trocavam seus símbolos nacionais, animais típicos ou figuras históricas por carimbos sem graça ou códigos de barra que não faziam sentido algum.

Sem me abater escolhi um belo álbum com uma capa que lembrava couro bem antigo. Tinha um aro metálico dourado e mais ou menos umas 20 páginas. Daria para por uns 2000 selos ali dentro. Me apaixonei de novo. Esqueci todas as mágoas e marchei em direção ao balcão.

Enquanto tirava o dinheiro da carteira um novo raio me partiu em dois. Há mais de 10 anos eu não recebia uma carta. Não estou falando de correspondências, mas cartas. daquelas que carregam o objetivo de toda essa aventura, selos. Malditos e-mails, eu pensei em voz alta. Não só minha maravilhosa idéia de presente foi por água abaixo como nunca meu irmão tomaria conhecimento de lugares como o Zaire de forma tão romântica como eu tive a oportunidade. Eu não queria saber se os e-mails tinham facilitado



a minha vida ou aproximado entes queridos. Tudo que eu pensava era que ninguém poderia mais colecionar selos. Eu odiava os telegramas e sua versão mais maligna dominou o mundo!

Larguei o tomo no balcão. Sai andando a esmo. Me vi num daqueles programas japoneses que se pegava pela antena parabólica onde os nipônicos se preparavam para mais uma vez quebrar o recorde mundial de derrubar dominó. Uma a uma minhas lembranças foram sendo aba-

tidas. Meu irmão nunca iria se corresponder com outro assinante da revista do Cebolinha. Ele nunca iria enrolar um rolo de filme fotográfico. Sem Pense-bem ou Genius. Jamais receberia um cassete com a demo de uma banda do recife (muito menos do Zaire). Vinil? Disquete? VHS? Nem a Barsa o moleque ia ver. Como ele poderia viver no mundo sem tais conhecimentos? A sua vida seria como um grande jogo de ligar pontos mas sem os números como guia! Eu precisava salvar meu irmão daquele mal.

Por um momento o céu se abriu. Trombetas foram ouvidas nos quatro cantos. Eu tinha a resposta. Abri minha mochila, puxei meu notebook. Yes, wi-fi! Abri o programa de e-mail. Encarei a tela por dez segundos como um alcoólatra olha para um copo de gin. Senti como se eu não tivesse mais salvação. Maculado, podre. Mas aquilo precisava ser feito. Criei um e-mail e enviei com o seguinte conteúdo "http://pt.wikipedia.org/wiki/Zaire", certo de que a tecnologia nunca mais iria fazer mal a ele.

Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD • Tel.: (31) 3281 6720

Aliança Francesa • Tel.: (31) 3291 5187

Arquivo Público Mineiro (APM) • Tel.: (31) 3269 1167

Art Vídeo • Tel.: (31) 3221 4778

Berlitz • Tel.: (31) 3223 7552

Biblioteca Públ. Est. Luiz de Bessa • Tel.: (31) 3269 1166

Café com Letras • Tel.: (31) 3225 9973

Café Kahlua • Tel.: (31) 3222 5887

Casa do Baile • Tel.: (31) 3277 7443

Celma Albuquerque Galeria de Arte • Tel.: (31) 3227 6494

Centro de Cultura Belo Horizonte • Tel.: (31) 3277 4607

Cultura Alemã • Tel.: (31) 3223 5127

DiscoMania • Tel.: (31) 3227 6696

EH! Vídeo • Tel.: (31) 3426 4817

Escola de Imagem • Tel.: (31) 3264 6262

Espaço Vivo • Tel.: (31) 3261 8171

Fundação Clóvis Salgado • Tel.: (31) 3237 7399

Fund. Municipal de Cultura de MG • Tel.: (31) 3277 4620

Grampo • Tel.: (31) 2127 2974

Hard Core • Tel.: (31) 3282 4411 / 3264 5757

Museu de Arte da Pampulha • Tel.: (31) 3277 7946

Museu Histórico Abílio Barreto • Tel.: (31) 3277 8573

Museu Mineiro • Tel.: (31) 3269 1168

Rádio Inconfidência • Tel.: (31) 3298 3400

Rede Minas • Tel.: (31) 3289 9000

Secretaria de Estado da Cultura • Tel.: 3269 1000

Teatro Francisco Nunes • Tel.: (31) 3277 6325

Teatro Marília • Tel.: (31) 3277 6319

Universidade Fumec • Tel.: (31) 3228 3000

Usina • Tel.: (31) 3261 3368

Vitrola Café • Tel.: (31) 3227 2138

